

O RISO NA CAPOEIRA

GT-26 SOCIOLOGIA DO CORPO E AS EMOÇÕES

DANILO SEBASTIANO DE MELO
AMURY JOSÉ SEMEDO NETO
FACERES

Resumo

Nos dias de hoje o riso é parte indissociável da grande maioria dos ocidentais: vemos gente rindo na rua e não nos escandalizamos, não falamos que é coisa do diabo, nem que a pessoa está possuída pelo diabo. Mas nem sempre foi assim. Durante a idade média, por exemplo, rir era uma infração gravíssima e era um dos mecanismos de coação social, já que rir era coisa de quem estava ligado(a) ou associado(a) ao diabo e/ou coisas diabólicas. Para entender essa “naturalização” do riso na nossa sociedade, em especial em um lugar onde é fartamente utilizado – a capoeira – esse estudo vem se empenhando em entender as várias significações das ações sociais postas pelo riso na capoeira angola e sua ação social vista como indissociável da prática da mesma pelos praticantes dessa arte-esporte.

Um bom dia, um Homem e um Leão saíram de viagem. Logo chegaram a uma cidade onde havia uma estátua que representava um atleta, ou o Deus Hércules, dominando um formidável Leão.

- Isto que você está vendo – disse o Homem ao seu companheiro – prova que nós, homens, somos mais fortes e poderosos do que vocês, leões.

O Leão respondeu:

- Se entre nós houvesse escultores, veria você representados muito mais homens despedaçados por leões do que leões mortos por homens.

Muitas nações pintam as coisas como convém a seu orgulho e a sua raça, e às vezes se vangloriam de proezas que nunca realizaram (ESOPO Apud: COSTA, 2001, p. 26).

O presente artigo usará como foco a sociologia weberiana (WEBER, 2000) com a análise da história oral ouvida pelos escritores (que são praticantes de capoeira angola e vivem tudo que pensam e escrevem), pois a capoeira é uma arte que trabalha sobre a tradição de conhecimento de mestre para aprendiz, feita oralmente e através de exemplos empíricos, para tanto usaremos com base os ditos de Mestre Pastinha unanimemente entre os capoeiristas um grande capoeirista e um sábio citado em todos os ramos da capoeira. Respeitando a maneira de ser do ritual da capoeira que é herdado das culturas indígenas e africanas faremos as análises das ações sociais dos sujeitos em suas falas e em suas ações durante o ritual da capoeira. Pondo o agente social como molde de uma representação feita do microcosmo social da senzala nos dias passados e dos excluídos nos dias atuais.

Desde os homens das cavernas que homem ri. A capoeira sendo um elemento tradicional e criado pelos escravos que habitaram o Brasil é um esporte-arte-jogo-dança que resiste a modernidade e com ela dialoga ao mesmo tempo, os agentes sociais riem durante todo o ritual da capoeira: tocando, jogando, cantando na roda, ou olhando os gestos plásticos dos atletas envolvidos nessa arte única e tão brasileira. Na formação da capoeira havia também negros nascidos no Brasil, africanos e índios livres, mas tanto o fato de ser escravo como de ser livre não tem uma comprovação documental, o fato de ter sido criada por índios há contestação e tudo o que conhecemos sobre sua origem vem dos dizeres dos antigos mestres de capoeira que em sua maioria nos relatam que é africana sua origem, mas que nasceu

como tal no Brasil. Tendo uma inegável caracterização de elementos africanos em seu ritual. A palavra capoeira é de origem indígena e designava um lugar destampado onde a mata não era nem alta nem baixa. Temos inúmeros tipos de capoeira os que mais se destacam são a capoeira contemporânea, a capoeira regional e a capoeira angola. O foco nesse artigo é a capoeira angola por ser a com maior proximidade da capoeira primitiva que era a capoeira jogada e vivida pelos escravos nas senzalas e nas ruas do Brasil nos séculos XVIII e XIX, além do XX e por ser o tipo de capoeira estudada e vivida pelos escritores. Nesse começo de século XXI temos na capoeira angola o resgate dessa tradição, dessa malícia, desse jeitinho que tanto ajudou a formar o Brasil.

Desde a Grécia o riso vem sofrendo diferentes abordagens. Nos dias atuais o riso é parte integrante do dia a dia há lugares em que não é aconselhável, por exemplo: nos enterros, e em outros em que é o motivo, nos bares, festas, etc. (Alberti, 1999; Minois, 2007; Herman; Roodenburg, 2000.). Se pensarmos nessas coisas, veremos como o riso pode levar a uma abstração enorme. Bérqson (2001) nos mostra uma sociedade que ri em momentos muito delimitados e (preferencialmente) com hora marcada (a ideia da boate). Tendo no riso sua demonstração mecânica podemos pensar até em uma “burocratização” do riso nos dias atuais. Toda vez que saio sou obrigado a estar feliz?

1. Riso e o tipo ideal

A construção social torna-se um tipo ideal weberiano (WEBER, 2000) o riso pode ser visto por esse prisma sociológico. O riso começa ocorrer depois de 40 dias do nascimento do bebê (Alberti, 1999). O riso como uma elaboração vem bem mais tarde, por volta dos três meses (BRAIM, 2009), quando a criança diferencia a mãe, o pai e demais parentes formando assim uma primeira sensação e visão da sociedade. É necessário, assim para rir, um referente algo análogo ao que Weber chama de Tipo Ideal (2000).

A sociedade tem valores, padrões, estruturas, instituições que a compõe (WEBER, 2000). Isso leva o homem, que nasce único, a ter de adaptar-se a toda essa avalanche de coisas que integra o social.

Essa adaptação fica implícita em vários pensadores e suas teorias sobre o riso.

Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia; nunca será risível. Rimos de um animal, mas por temos surpreendido nele uma atitude humana ou uma expressão humana. Rimos de um chapéu; mas então não estamos gracejando com o pedaço de feltro ou de palha, mas com a forma que os homens lhe deram, com o capricho humano que o serviu de molde (...) se algum outro animal ou objeto inanimado consegue fazer rir é devido a sua semelhança com o homem imprime ou ao uso que o homem lhe dá (BERGSON, 2001, p. 3).

A inteligência é condição essencial para o riso, segundo Bérqson (2001). No Brasil o pobre ri muito e se apegava ao riso como sua tábua de salvação, o carnaval e as piadas sobre tudo e todos como exemplo de uma busca para a condição do não ter. Diz-nos Bérqson: “Ao que parece, o cômico surgirá quando homens reunidos em grupo dirijam sua atenção a um deles, calando a sensibilidade e exercendo tão só a inteligência” (BÉRQSON, 2001 p. 6).

“Salienta-se que, desde o nascimento, dependemos dos outros para sobreviver e com eles aprendemos. O conjunto de hábitos, valores e impulsos de cada indivíduo é, pois, mais adquirido socialmente do que herdado biologicamente” (CARMO, 2007, p. 13). Na Capoeira temos um jogo que nasce do corpo de dois oponentes e mais modernamente da musicalidade envolvida, fazendo um

embate de ataque e defesa, pergunta e resposta, onde o riso é parte de toda a “mandinga” (palavra muito usada no Brasil para significar algo que se quer esconder mostrando a outros, outra coisa o que pode às vezes vir a dar errado como no ditado popular “quem não pode com mandinga, não carrega patuá”), o riso entra no ritual da capoeira para se esconder do adversário dificultando a resposta dada pelo mesmo, para demonstrar que sabe mais que o oponente, demonstrando também a diversão do jogo, além do fato da risada vir do entendimento do que o outro quer fazer e antecipar o desviar do golpe desferido e mesmo pensado.

2. Capoeira uma ação social

Mestre Pastinha já dizia:

Ninguém pode mostra tudo o que tem as entregas e revelações. Têm que ser feito aos poucos. Isso serve na capoeira, na família e na vida. Há momentos em que não podem ser divididos com ninguém segredos que não podem ser contados as todas as pessoas

Nesse contexto podemos associar essas palavras ao pensamento weberiano quando nos mostra que:

Ação social (incluindo omissão ou tolerância) orienta-se pelo comportamento de outros, seja passado, presente ou esperado como futuro [...] Os outros podem ser indivíduos e conhecidos ou uma multiplicidade indeterminada de pessoas completamente desconhecidas (“dinheiro”, por exemplo, significa um bem destinado à troca, que o agente aceita no ato da troca, porque sua ação está orientada pela expectativa de que muitos outros, porém desconhecidos e em numero indeterminado, estarão dispostos a aceitá-lo também, por sua parte, num ato de troca futuro) (WEBER, 2000,p. 13- 14).

A capoeira é uma ação social realizada por todos os envolvidos durante todo o ritual, pois basta um que não esteja com boas intenções já é o suficiente para que todo o ritual se modifique e crie um clima de tensão modificando todo o jogo: “Menino preste atenção no que eu vou dizer: O que eu faço brincando, você não faz nem zangado. Não seja vaidoso, e nem despeitado, na roda de capoeira...” nos ensina Mestre Pastinha em seus tão famosos ditos que de tanta sabedoria alguns o conclamam de filósofo da capoeira. Nessa fala vemos incutidos todos os princípios que norteiam a ação social de Weber: a troca entre os indivíduos com suas ações sendo orientadas pelo comportamento de outros indivíduos. Assim tocar um berimbau (instrumento que em nossos dias é o símbolo da capoeira) nunca é um gesto vazio de significado principalmente para os envolvidos durante todo o ritual e ainda mais para os dois que estão no meio da roda de capoeira se digladiando, uma simples cantiga sem maiores pretensões pode se tornar um puxão de orelha do mestre para com seu discípulo.

O riso do rival sobre o puxão de orelha pode desencadear a fúria do outro o que pode levar de um simples jogo de camaradas a uma luta perigosa e até mortífera. E como toda ação social tem as exceções como no caso do riso ser de um mestre que esteja jogando com um aluno que ai se submete ao riso sabendo que o outro tem muito mais recursos técnicos e de malícia e usa de muita “mandinga” para esconder todo o manancial que tem, “capoeirista é um gênio, Capoeira é sobre tudo muita intuição, vem do subconsciente” (Mestre Pastinha)

Weber leva a pensar como nos diz Winckelman no prefácio a “Economia e Sociedade” (2000) que o “agente tem de participar na constituição do sentido objetivo-funcional das relações e

instituições com que lida incorporando-as cada vez mais – ao preço de sua própria participação ativa nesses fenômenos”. O riso observa esse estado de coisas. No Brasil é ponto comum que os funcionários públicos não atendem bem. A ideia que se tem é de ao chegar a uma repartição pública os funcionários estão conversando e ao pedir qualquer coisa para eles se viram para a pessoa de cara fechada e de mau-humor. “Burocratizando”, ainda mais, uma sociedade já burocrática. Com esse tipo de pessoas em mente vai-se para uma repartição pública esperando o pior. Como o sujeito pode rir nesse contexto?

Ao ter seu referencial, em parte moldado pelos outros, o sujeito age de acordo com o que seu valor pessoal o leva a crer como certo. Em uma sociedade como a brasileira em que a tradição é muito forte os indivíduos se comportam como ela manda. Mas vive-se um conflito, pois nessa sociedade onde só o novo é válido (o novo filosófico, econômico, a nova máquina, etc.) não há uma unidade que aglomere as sociedades e em especial a latino-americana no capitalismo e seu princípio de industrialização. A ciência do século XXI tem, portanto, de levar em consideração o irracionalismo e a incerteza em consideração para poder apreender o mundo contemporâneo. “Componentes compreensíveis e não compreensíveis de um processo estão muitas vezes misturados e relacionados entre si” (WEBER, 2000, p. 4). Como no cenário atual pesquisar sobre as emoções? Uma saída é distinguir tipos ideais para ajudar a olhar para o social de uma maneira comparativa para com os sujeitos reais e ver assim as relações sociais em uma ótica não usual. É preciso criar diálogos imaginários fazer pontes inusitadas entre falas de diferentes agentes sociais, o que distancia do dia a dia, mas ajuda a entendê-lo, pois nos mostra de outra forma coisas que acontecem diariamente sem nem pensarmos na motivação ou como isso é construído.

Um casal foi entrevistado num programa de TV porque estavam casados há 50 anos e nunca tinham discutido. O repórter, curioso, pergunta ao homem:

- Mas vocês nunca discutiram mesmo?

- Não.

- Como é possível isso acontecer?

- Bem, quando nos casamos, a minha esposa tinha uma gatinha de estimação que amava muito. Era a criatura que ela mais amava na vida. No dia do nosso casamento, fomos para a lua-de-mel e minha esposa fez questão de levar a gatinha. Andamos, passeamos, nos divertimos e a gatinha sempre conosco, certo dia a gatinha mordeu minha esposa. A minha esposa olhou bem para a gatinha e disse:

- Um.

Algum tempo depois a danada da gatinha mordeu minha esposa novamente. A minha esposa olhou para a gatinha e disse:

- Dois

Na terceira vez que a gatinha mordeu, minha esposa sacou uma espingarda e deu uns cinco tiros na bichinha. Eu fiquei apavorado e perguntei:

- Sua ignorante desalmada, porque é que fizeste uma coisa dessa mulher?

A minha esposa olhou para mim e disse:

- Um.

Depois disso, nunca mais discutimos... (AUTOR DESCONHECIDO).

3. Um olhar sobre a história

Na idade média havia o servo e o dono do feudo que estabeleciam uma relação de dependência mútua, mas o senhor feudal se achava mais importante e com poderes sobre os demais. Após o Renascimento com a ascensão da burguesia a um poder cada vez maior o quadro começa a

mudar. Quando a burguesia promove revoluções e tenta impor seu modo de vida a aristocracia ainda se acha no direito e no poder de mandar. No sistema capitalista moderno e contemporâneo, o dono do maquinário e/ou o chefe de sessão é o correspondente desses mandatários. Em comum temos um quadro de mando onde há uma relação de exploração constante em que o poder é justificado, seja pela igreja, pela tradição, pelo capital, etc. o que leva a uma constatação: sempre há um mandado e um mandante, por isso, vamos manter essa nomenclatura para toda e qualquer forma de mando em nosso quadro analítico. O Mandante, em geral, sempre pensa que tem poderes que os seus mandados não têm e que por isso pode fazer coisas - como chegar mais tarde, ou faltar sem dar explicação - que os demais não podem nem sonhar em fazer ou correm o risco de sofrerem punições, as mais diversas. Já o mandado, geralmente, tem sempre um grau de submissão para não perder o que acha que deve manter ou que quer conquistar como os conhecimentos da capoeira e seus segredos.

4. Histórico da capoeira

A capoeira nasce do sistema de escravidão que no Brasil durou muito tempo só no fim do século XIX veio a acabar oficialmente, mas extra oficialmente ainda temos em muitas regiões afastadas dos grandes centros no Brasil esse sistema abjeto ocorrendo como a exploração de crianças nas carvoarias pelos sertões do país. Nesse contexto de exploração de mão de obra negra, índia e até de alguns brancos que não tinham dinheiro para pagar suas dívidas com os “coronéis” donos das casas-grandes (FREIRE, 2003), a senzala era o local onde ficavam todos os escravos muitas das vezes com rivalidades entre si trazidas da África de tribos rivais, e os que não eram rivais não falavam o mesmo idioma já que aqui foram postos de propósito tribos diferentes e rivais para que a rivalidade prevalecesse e não houvesse uma colaboração para a fuga em massa e para que não houvesse uma revolta contra o senhor de engenho (FREIRE, 2003)

Tudo que os escravos faziam era vigiado e reprimido como o uso de tambores, de berimbaus que eram usados nos cultos a Orixás só era permitido para animar os negros, por exemplo, na lida da roça da cana-de-açúcar ou do cacau, com isso foi só através de esconder o que pretendiam que podiam se exercitar para lutar contra a escravidão - mandingar como se diz nas rodas de capoeira. Desse modelo nasce o sincretismo religioso brasileiro, já que era proibido o culto de Orixás, era fingindo cultuar os santos católicos que podiam cultuar seus amados Orixás. Era fingindo dançar que podiam jogar capoeira, que em muitos aspectos lembra uma dança combinada, quando alguém caía por uma rasteira ou tomava uma cabeçada diziam ao capitão-do-mato que o outro esqueceu o passo ou escorregou. Todos riam e se divertiam durante a capoeiragem. Assim que a capoeira foi reconhecida e tida como perigosa ela foi posta para dentro da senzala onde os escravos eram obrigados a fazer tudo mais abaixados devido ao teto ser muito baixo para eles.

Com a abolição da escravatura há um fluxo muito grande de escravos para as cidades e a capoeira se urbaniza ganhando seus contornos que conhecemos hoje como o berimbau que era tocado para avisar quando a cavalaria estava chegando para acabar com a roda de capoeira. Como os capoeiristas eram muito habilidosos eles defendiam as casas de candomblé das milícias e de qualquer intruso. Muitas lendas começam a nascer como o famoso besouro cordão de ouro (figura lendária que não há capoeirista que não conheça algum fato sobre ele), diziam ter o corpo fechado e que mesmo sobre bala não morria. Assim a capoeira vai se transformando em um fenômeno social e ganhando status na sociedade. Devido ao perigo que muitos capoeiristas demonstravam, por serem muito habilidosos, o governo então proíbe a capoeira. Com a guerra do Paraguai e sua falta de contingente os capoeiristas são convocados para a linha de frente com a promessa de ficarem livres das perseguições, com seus golpes inesperados e suas movimentações diferentes das convencionais ajudam o Brasil a ganhar a guerra.

Com Getulio Vargas a capoeira é liberada e é praticada em larga escala, em todas as classes sócias, em especial na Bahia, onde tem seu braço mais forte. Ao passar do tempo a capoeira se institucionaliza e se molda nos contornos atuais com três berimbaus (médio, viola e o gunga), atabaques (variando o número e a função de casa para casa), reco-reco, pandeiro e agogô, essa é uma bateria básica de capoeira tendo sempre modificações em cada ramo da capoeira e em cada casa de capoeira.

5. O ritual da capoeira angola e o riso

A capoeira angola é realizada em um ritual elaborado, e cheio de meandros, que a um observador desatento, ou não conhecedor do mesmo, pode parecer supérfluo ou mesmo uma encenação dos sujeitos que fazem parte desse ritual. Assim o agachar ao pé do berimbau tão cheio de conotação para o capoeirista para o leigo e a sociedade em geral é só uma maneira de começar o jogo. Agachando ao pé do Gunga o berimbau que comanda a roda o capoeirista sente a energia do momento, a música e já vai tentando intuir as intenções do adversário para com ele, se o oponente começa a rir qual será esse significado? Quem é ele para rir? É mestre? É amigo? Se desconhecido sabe por que está rindo? Tudo isso antes mesmo do jogo começar fisicamente. Durante todo o ritual da capoeira angola vemos o riso surgir. De satisfação quando a energia está boa. De alegria quando vemos uma queda causada por uma rasteira inesperada, ou por erro do outro. O riso do que sabe mais tentando ensinar ou só se divertindo com o aprendiz. O riso do desespero, de medo de tomar o golpe inesperado de um adversário mais potente.

Durante o ritual os integrantes da capoeiragem tocam, cantam, jogam dançando, “mandingam” e prestam atenção a tudo no ambiente o “Capoeirista é um curioso, tem mentalidade para muita coisa, sabendo aproveitar de tudo o que o ambiente lhe pode proporcionar” nos conta Mestre Minha (que é nosso mestre de capoeira angola) citando mestre Mestre Pastinha “a Capoeira Angola só pode ser ensinada sem forçar a naturalidade da pessoa. O negócio é aproveitar os gestos livres e próprios de cada um”. Como podemos ver a ação desenvolvida durante a roda de capoeira é sempre única e pessoal fazendo do indivíduo sujeito de sua história e sempre tendo como base o que os outros vão ver e/ou pensar sobre seus atos, conselhos e ações físicas.

6. Riso, capoeira e tipo ideal weberiano

Imaginando uma roda onde há mestre e aprendizes de capoeira, por exemplo, uma confraternização de fim de ano, ou um evento grande de capoeira, como o Abril para Angola, tem-se aí um cenário propício para que todos os tipos de riso ocorram. Nessa roda de capoeira onde os mestres mais velhos fazem parte da bateria e outros mestres e alunos vão formar o restante da roda cantando o coro das cantigas ditas pelo cantador. Nesse ínterim começa um jogo de olhares, aparentemente despreziosos entre os integrantes para medir a força dos possíveis adversários bem como sua experiência e sua habilidade corporal. Os risos e as conversas vão de um lado a outro da roda, há um jogo de dissimulação tentando esconder de todos, suas melhores qualidades e conhecimentos, para só na hora certa, no momento exato, surpreender o oponente que não esperava ou não sabia que o outro era capaz desse gesto. Os mestres em geral com um sorriso no rosto e de bom humor com um ar leve e agradável observando tudo e todos, os alunos por outro lado com caras que vão das mais sérias as mais preocupadas tentando tirar de cada segundo um aprendizado oculto que possa ajudá-lo na roda e na vida.

Sempre que temos uma situação de mando vemos a sociedade agindo, “para a maioria dos indivíduos, na maior parte do tempo, a sociedade simplesmente não é percebida ou sentida como força opressiva” (CARMO, 2007, p. 17). Basta o sujeito tentar ir contra os valores morais atuantes em seu meio social para verificar como a sociedade pode ser opressiva (pensamento de Durkheim diria

coercitiva), o suficiente para enquadrá-lo em sua forma de ver o mundo. Usando muitas vezes da força física para uma “eficácia” maior. Em nossa roda imaginária se um novato ri com tom de escárnio quando joga com um mestre é com um tombo, em geral, que percebe seu erro fazendo a alegria dos que veem a cena se desenrolar diante de seus olhos.

Durante a capoeiragem antiga os escravos tinham de esconder tudo ou corriam o risco de morrerem ou mesmo sofrerem outros tipos de punições como ficar preso em um tronco sofrendo chibatadas e sangrando ao sol, assim a malícia, a “mandinga” eram fatores dos mais importantes para os capoeiristas rindo disfarçadamente de seu oponente e de todo o sistema escravocrata que achando que controlava tudo na vida dele o permitia ter a liberdade de treinar para na hora do sufoco poder ou fugir ou bater em um capitão-do-mato que sobre ele pusesse uma pena excessiva (FREIRE, 2003). Nascendo desse mecanismo de defesa própria à capoeira se esconde “é negativa” como sempre falava Mestre Pastinha e na placa em sua academia trazia pendurado o dito afirmando que a capoeira é “mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista”.

O riso ideal da capoeira assim é o do sujeito que sabe a força que tem o mérito que possui e esconde não alardeia isso aos quatro cantos tentando passar despercebido e agindo nos momentos exatos onde não há outro tipo de solução e sempre com a força e o pensamento adequado para a situação posta. Nessa tipologia temos os mestres de capoeira que durante um evento ri e põe toda a sua experiência a prova durante o ritual da capoeira: tocando, cantando, jogando, testando os outros e sendo testados. Ao ver nosso Mestre jogando (Mestre Meinha) vemos toda uma tradição jogar capoeira, observa-se um baluarte da tradição brasileira ensinando com seu riso, suas ações e suas maneiras de agir, mas não é só nosso mestre que com sua simples presença traz outro clima para o ambiente é a grande maioria dos mestres antigos, senhores que passando na rua nos chamam a atenção sem nem mesmo saber por que viramos a cabeça para olhá-los. Nessa tradição o que é invisível aos olhos é o que é de mais relevante para as ações.

O invisível na capoeira em muitos momentos esteve ligado diretamente ao culto de Orixás com seus rituais próprios, usando das músicas, das velas, das roupas e da rima para acessar o sagrado. Na capoeira temos todos esses elementos onde o corpo do atleta jogador é o veículo para ele e para os que o estão vendo, de acesso a forças que em nosso dia a dia não levamos em consideração. Trabalhando o ritmo, a energia a agilidade e um processo que muitos chamam de místico o capoeirista trás em seu interior a alegria do gesto impensado, da saída espetacular, da rasteira dada com precisão cirúrgica. Assim quando vemos um aluno apavorado tentando fugir e jogar ao mesmo tempo, pondo seu corpo a prova e buscando não cair é em contraponto ao riso largo do mestre que com sua segurança ensina o aprendiz derrubando-o no chão, não como forma de punição, mas sim como uma maneira de mostrar onde ele está errando, qual seu ponto fraco, o que precisa treinar mais e/ou prestar mais atenção.

A ação social “orienta-se pelo comportamento de outros”, o riso enquanto ação social mistura uma série de caracteres ele é de “[...] modo racional referente a fins: por expectativas quanto ao comportamento de objetos do mundo exterior e de outras pessoas, utilizando essas expectativas como ‘condições’ ou ‘meios’ para alcançar fins próprios, ponderados e perseguidos racionalmente como sucesso [...]”, (até certo ponto é evidente que os agentes envolvidos na ação social têm consciência e intenção do ato que fazem) e de “[...] modo tradicional: por costume” (WEBER, 2000, p.15). A tradição se manifesta com força em uma ação onde há poder e o riso nesse ambiente geralmente reflete a posição dos agentes envolvidos.

7. Apontamentos finais

“Todos os lugares do mundo são próximos. Mas a distância social é infinita e pode ter o nome de desigualdade social – e dor” (RODRIGUES; CHAVEIRO, 2009, p 31). O riso na capoeira nos

dias de hoje é o riso dos excluídos que acham na capoeira uma maneira de se expressar de se defender das opressões dadas pelo sistema, temos capoeira ocorrendo nos lugares mais sem estruturas possíveis, como guetos, favelas, enfim nas periferias dos grandes centros. Esse riso é assim um riso dos que sabendo de seu poder, não mostram tudo o que são capazes para a sociedade nem para os seus semelhantes, já que se mostrarem correm o risco de ter seu ser todo desvirtuado ou preso a um emprego que use dele até onde não possa mais aguentar e assim será posto mais a margem ainda do sistema. “O que eu gosto de lembrar sempre é que a capoeira apareceu no Brasil como luta contra a escravidão. Nas músicas que ficaram até hoje se percebe isso” (Mestre Pastinha).

Como nos dias de hoje temos um fluxo muito grande de transformações ao ver a capoeira e em especial a capoeira angola ganhar cada dia mais espaço percebemos até o momento a capoeira como uma arte que é jogada por dois sujeitos conscientes de seu papel na sociedade naquele momento, é música tocada-cantada-sentida e é a alegria de se mostrar diferente do outro mesmo tendo como base os mesmos princípios. Onde o indivíduo busca uma escapatória da sociedade em que vive, que o põe preso a tecnologias, a serviços onde trabalhe o máximo possível produzindo o máximo possível, onde é posto a toda prova com documentos para tudo, impostos para todas as coisas. A capoeira assim é novamente um sistema de libertação social agora para os escravos do sistema que não tendo muitas formas de lazer onde realmente possa ser ele mesmo busca na capoeira sua alforria desse sistema que o consome dia e noite.

Ao rir na capoeira o sujeito assim está rindo de si, do outro, do sistema e de toda uma sociedade que tenta impor a ele formas sociais que ele não ajudou a formar e é impelido a realizar coisas que ele não gostaria de fazer. Rindo o sujeito mostra sua inteligência, já que mostra que mesmo fazendo parte desse todo com ele não compartilha todos ou nenhum princípio. Quando o mestre ri e mostra ao aluno que está errado está fazendo para uma autossatisfação, mas também consciente de seu papel social enquanto agente social de todo um agrupamento que nele se identifica e que vê nele um espelho para suas ações.

O aluno começa a rir depois de um tempo quando começa a tomar consciência disso, por exemplo, ao entrar um aprendiz que joga com ele e que não sabendo o que fazer fica todo atrapalhado em busca do gesto certo. Ao contrário da sociedade meritocrática em que vivemos tem-se na capoeira, não o riso de superioridade por prazer de humilhar o outro, mas o riso de reconhecimento de quem já passou pela mesma situação e tenta ensinar a ele outra maneira de ver a vida. Como em todos os lugares há as exceções há o riso da maldade que busca ferir o outro. A capoeira angola assim com seu ritual e seus agentes tendo na figura mítica de Mestre Pastinha seu mais eminente membro mostra como é possível vivermos outra maneira de pensar e sentir a sociedade e o riso dos mestres durante o ritual é o tipo ideal desse riso.

Bibliografia

ALBERTI, V. *O riso e o risível*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BÉRGSON, H. *O riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAIM, M. *Como funciona riso*. Disponível em: <<http://saude.hsw.uol.com.br/riso8.htm>>.

Acesso em: 09 de abri. de 2009.

CARMO, P. S. *Sociologia e sociedade pós-industrial*. São Paulo: Paulus, 2007.

CHAVEIRO, E. F.; RODRIGUES, U. B.; *O processo de ir e vir*. – Sociologia Extra: encadernada de edições já publicadas ciência & vida. São Paulo: Editora Escala, 2009.

COSTA, F. M. (Org.) *100 Melhores contos de humor da literatura universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

FREIRE, G. *Casa-grande e senzala*. Recife: Global Editora, 2003.

HERMAN, J; ROODENBURG, H. (Org). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Unesp, 2003.

WEBER, M. *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB, 2000.